



NOTAS SOBRE UMA PRÁXIS AMOROSA

Daniela Morais de Sant'Anna¹

Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UBEC), Brasília, DF, Brasil.

Luziane de Assis Ruela Siqueira²

Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (UFES), Vitória, ES, Brasil.

Resumo: O espaço do saber e por consequência, o ambiente acadêmico, são historicamente masculinos e hierarquizados. Com muros invisíveis que separam os “escolhidos” e o “resto”, relegando-os às margens e impossibilitando o acesso e o usufruto desses espaços. Diante disto, propomos pôr em perspectiva o corpo-experiência das mulheres negras no âmbito universitário e quais saídas possíveis para que haja construção de espaços seguros, em que a existência desses corpos-experiência esteja garantida. Propomos uma aproximação possível entre a *práxis* freiriana e a Epistemologia Feminista Negra de Patricia Hill Collins. Encontramos em bell hooks, Collins e Paulo Freire, uma intersecção possível entre a *práxis* pedagógica amorosa e a afirmação de vida em resposta a tantas tentativas de negação de existência de corpos vistos por alguns como minorizados e não capazes.

¹ Psicóloga - CRP 01/25555. Mestre em Psicologia Institucional (UFES). Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UBEC). Psicanalista e pesquisadora com ênfase em raça, gênero e saúde mental. E-mail: danielasantannapsi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3177-2495>

² Doutora em Educação (UFES). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (UFES). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Infâmias Resistências. E-mail: luziane.ruela@ufes.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7510-9148>.



Palavras-chave: Epistemologia feminista negra. Práxis. Corpos femininos. Experiência. Amor político.

NOTES ON A LOVING PRAXIS

Abstract: The space of knowledge and, consequently, the academic environment, are historically masculine and hierarchical. With invisible walls that separate the "chosen" and the "rest", relegating them to the margins and making it impossible to access and enjoy these spaces. In view of this, we propose to put into perspective the body-experience of black women in the university environment and what possible ways out to build safe spaces, in which the existence of these body-experiences is guaranteed. We propose a possible approximation between Freirean praxis and Patricia Hill Collins' Black Feminist Epistemology. We find in bell hooks, Collins and Paulo Freire, a possible intersection between the pedagogical praxis of love and the affirmation of life in response to so many attempts to deny the existence of bodies seen by some as diminished and incapable.

Keywords: Black feminist epistemology. Praxis. Female bodies. Experience. Political love.

NOTAS SOBRE UNA PRAXIS AMOROSA

Resumen: El espacio del conocimiento y, en consecuencia, el ámbito académico, son históricamente masculinos y jerárquicos. Con muros invisibles que separan a los "elegidos" de los "restos", relegándolos a los márgenes e imposibilitando el acceso y disfrute de estos espacios. Ante esto, nos proponemos poner en perspectiva la experiencia corporal-de las mujeres



negras en el ámbito universitario y qué posibles salidas para construir espacios seguros, en los que se garantice la existencia de estas experiencias-cuerpo. Proponemos una posible aproximación entre la praxis freireana y la Epistemología Feminista Negra de Patricia Hill Collins. Encontramos en bell hooks, Collins y Paulo Freire, una posible intersección entre la praxis pedagógica del amor y la afirmación de la vida en respuesta a tantos intentos de negar la existencia de cuerpos vistos por algunos como disminuidos e incapaces.

Palabras clave: Epistemología feminista negra. Praxis. Cuerpos femeninos. Experiencia. Amor político.

NOTES SUR UNE PRAXIS AIMANTE

Résumé: L'espace de la connaissance et, par conséquent, l'environnement académique sont historiquement masculins et hiérarchisés. Avec des murs invisibles qui séparent les « élus » et les « autres », les reléguant à la marge et rendant impossible l'accès et la jouissance de ces espaces. Dans cette optique, nous proposons de mettre en perspective l'expérience corporelle des femmes noires dans le milieu universitaire et les pistes possibles pour construire des espaces sûrs, dans lesquels l'existence de ces expériences corporelles est garantie. Nous proposons une approximation possible entre la praxis freirienne et l'épistémologie féministe noire de Patricia Hill Collins. On trouve chez bell hooks, Collins et Paulo Freire, une intersection possible entre la praxis pédagogique de l'amour et l'affirmation de la vie en réponse à tant de tentatives de nier l'existence de corps considérés par certains comme diminués et incapables.



Mots-clés: Épistémologie féministe noire. Praxis. Corps féminins. Expérience. L'amour politique.

INTRODUÇÃO

O processo de formação superior no Brasil é formado pelas mesmas estruturas colonizatórias que declaram quem são os corpos bem-vindos e quais não, de adentrar os muros acadêmicos.

Marcada pela misoginia e pelo racismo, a mulher negra, passa a ser uma imagem que destoa do esperado de um “aluno ideal” de uma universidade brasileira e conseqüentemente, tem-se uma sucessão de problemáticas envolvendo a permanência e formação dessas alunas no espaço acadêmico. Passa-se a ter a interdição do corpo e a negação cotidiana de sua existência nas salas de aula, nos corredores, nas produções científicas e nas referências, sendo um grande impedimento de usufruto do espaço (SANT’ANNA, 2022; KILOMBA, 2019).

Nas avenidas identitárias sociais, o individual se coletiviza na medida em que compartilhamos socialmente experiências em comum. A interseccionalidade é uma chave analítica que permite que categorias que outrora foram concebidas de forma independente, aqui, sejam consideradas em conjunto; atravessadas (COLLINS, 2021). Isso porque, a categoria “mulher”, não inclui no imaginário a raça, assim como “negro”, não configura a experiência das mulheres negras.

Logo, não se trata de fomentar a discussão da importância, mas sim de focar no que Akotirene (2019) nos diz ser a encruzilhada social, de raça e



gênero [dentre tantas outras] que atravessam nossa existência e que aqui, circunscrevemos na cena universitária. Não à toa, Grada Kilomba (2019), simboliza em seu livro *Memórias da Plantação* a imagem da Escrava Anastácia usando a máscara de *Flanders*, objeto de tortura colonial; a imagem de uma mulher negra com sua boca interditada, impossibilitando sua alimentação e logo existência; assim como a fala é metaforizada a partir das máscaras invisíveis que são colocadas nesses corpos determinando essa impossibilidade de ser.

Se não pode ser falado, não se é escutado; e se não se é escutado, não há registro de existência. Essa é uma das premissas que Kilomba (2019) e Sant'Anna (2022) chamam atenção para as dinâmicas racistas e sexistas que configuram a experiência das alunas negras e que evidenciam o desconvite de trânsito intramuros.

A máscara, assim como o silêncio advindo, marcam as Imagens de Controle, a partir de Patricia Hill Collins (2019), que são construções imagéticas carregadas de significados compartilhados socialmente, que servem ao fim de despotencializar esses corpos. A aluna silenciosa, que não – deve – incomodar, a aluna preguiçosa, a negra raivosa, a militante e tantas outras, são apontamentos desqualificantes que tendem a esvaziar qualquer conteúdo da fala dessas mulheres. Na sutileza da barra – ou na falta dê – podem ser nomeadas como microagressões esses insultos diários e lembrete do “lugar” simbólico em que as mulheres negras são colocadas (MIZAEL, 2024).



Pode a Subalterna falar?, pergunta-se Spivak (2010) e aqui, trazemo-la perguntando em seguida: o que é isso que ao ser falado, incomoda tanto a ponto de se valerm da máscara e da imposição do silêncio?

A cena universitária representa para as mulheres negras uma sucessão de violências visíveis e invisíveis, mas isso não significa que tais mulheres passem por ela subordinadas e submissas, como nos mostra nossas intelectuais e suas trajetórias pessoais, como Lélia González, Neusa Santos Souza, as já citadas³ até então e tantas outras que se utilizam da formação para construir seu próprio saber crítico.

Diante de tal, hooks (2019) nos aponta a necessidade de, mesmo permeadas por falas desmotivacionais e pela imposição das Imagens de Controle, foi pela leitura de registros de outras mulheres negras que percebeu o poder da autodefinição. Assim como Collins (2019) aponta, que nas comunidades negras estadunidenses há uma tradição forte em que as mulheres negras negam, em espaços seguros, a imposição das Imagens e que há possibilidade de construir novas – assim, autodefinir-se em primeira pessoa (SANT’ANNA, 2022).

Autodefinir-se para hooks (2019) é um “nadar contra a corrente”, uma tarefa árdua e diária, mas é também uma saída para as máscaras impostas; e é a partir dos registros de hooks e sua tradição ensaística que vemos a

³ Grada Kilomba, bell hooks, Patricia Hill Collins, Carla Akotirene, dentre outras.



importância da leitura e da escrita, da referência e da citação⁴, tão importantes na vida acadêmica e que simboliza a existência e a circulação do nome e da palavra.

Isto posto, autodefinir-se é pronunciar a si e levando em consideração a premissa que o individual é coletivo, é pronunciando a si que pronunciamos mundos, aos moldes de Paulo Freire (2013a, 2013b). Assim, a esfera dialógica entra em questão, quando delimitamos quais saídas possíveis tem-se no corpo-experiência das mulheres negras à luz de um *quefazer* pedagógico e propomos uma aproximação possível entre a Epistemologia Feminista Negra de Collins (2019) com a Pedagogia Freiriana, mediada pela prática amorosa de bell hooks que sustenta seu fazer, sua docência e sua visão de mundo nesta encruzilhada de raça, gênero e práxis.

PRONUNCIANDO MUNDOS: SOBRE UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O FEMINISMO NEGRO, PAULO FREIRE E CONCEIÇÃO EVARISTO

Patricia Hill Collins (2019), nos diz que os lugares seguros são espaços privilegiados de resistência à objetificação de nossos corpos em

⁴ A política da citação, para além das normas pré-estabelecidas que regula as produções em diversos âmbitos, também é um acordo social que passa pela ética entre os pares. Na academia, a citação também se configura como condição de existência, pois se somos lidas e temos nosso trabalho utilizado, que este seja respaldado e que nosso nome circule. Devido à intersecção entre racismo e sexismo, as mulheres negras, mesmo quando lidas, não são citadas ou têm seu trabalho apropriado sem as devidas referências; prefere-se os autores masculinos, ou esconde-se na escrita o gênero daquela citada.



relação à construção como o Outro⁵, chama-nos a atenção em como o processo de resistência se manifesta nesses lugares.

Para ela, os lugares seguros são “(...) locais privilegiados de resistência à objetificação como o Outro” (COLLINS, 2019, p. 185); logo, é um espaço constituído exclusivamente por mulheres negras, que nos permite circunscrever a perspectiva de que, nesse contexto, o individual é coletivo. Assim, algo meu também diz sobre a outra, e então os pontos de autodefinição também se fazem na esfera do compartilhado e é na segurança desses espaços em que é possível apontar as inadequações das imagens de controle, promover empoderamento de si [e das outras] e acessar novos modelos positivos.

Da mesma forma que as mulheres negras construíram espaços, conforme suas demandas, para que pudessem falar e se manter ativas frente a submissão a uma ordem opressora, essa mesma dinâmica se fez presente em espaços de produção e validação do conhecimento. Assim, se produzir/falar na universidade é/era interdito, isso não significa que não existam/existiam outros espaços em que é possível que esta palavra seja ouvida e circule sem ameaçar nenhum monopólio de poder.

Se não nos escutarmos umas às outras, quem nos escutará? Esse é o ponto [de aproximação] da relação dialógica ⁶entre as mulheres negras e é por meio dele que Collins (2019) pensa e formaliza a Epistemologia Feminista Negra que é fundamentada em uma base experimental e material,

⁵ Construção de assujeitamento baseada na oposição da construção de Eu do sujeito da razão, expressão da humanidade e monopolizador dos privilégios sociais de existência (CÉSAIRE, 1978, FANON, 2008, KILOMBA 2019).

⁶ Conceito elaborado por Paulo Freire e desenvolvido mais adiante.



além de levar em consideração as experiências coletivas e perspectivas de vida dessas mulheres. Os pontos que sustentam a proposta de Collins são: a experiência vivida como critério de significação; a ética do cuidar; a ética da responsabilidade pessoal; e o diálogo e seu uso na avaliação da reivindicação de conhecimento.

A experiência vivida, conforme vem sendo falado, tem seu grau de importância aqui, pois para as mulheres negras “sobreviverem” e resistirem às condições impostas descritas é preciso sabedoria. Sabemos⁷ que existe uma instância para além de nós que nos controla e que nos coíbe, e o que fazemos com isso? O que é possível fazer? Essa é uma pergunta que não tem uma resposta só e fechada, pois o campo das possibilidades se abre ao que é múltiplo, ao que é mais de um, assim há mais de um caminho possível.

Reivindicar a experiência vivida como produção de conhecimento, é como dito anteriormente, reivindicar a primeira pessoa. Ao romper com as epistemologias eurocêtricas, nos deparamos com este campo das possibilidades. Collins (2019) nos diz, por exemplo, que usar recursos textuais diversos é uma possibilidade de simbolizar novos significados, como por exemplo, a contação de histórias, que não se resume à única e exclusivamente contar uma história, mas é um recurso narrativo, que expressa a vida cotidiana e que se utiliza de recursos imagéticos, poéticos e visuais, para produzir e reproduzir as nuances da vida, tão crível quanto um

⁷ Levando em consideração que esse saber, por vezes, não está na ordem do discurso, mas sim da ação – prática. Mesmo que não se tenha nome, se tem percepção e se tem formas de lidar com as adversidades do racismo e do sexismo cotidianamente.



número estatístico, na verdade, pode por vezes ser a simbolização de um, como nos mostra as escrituras de Conceição Evaristo em seus contos.

A perspectiva das experiências vividas dentro de uma epistemologia também ganha novos contornos, pois, por exemplo, o que marcava os grupos das feministas brancas das primeiras ondas era a classe e a intelectualização, assim, para as mulheres negras o ponto da classe e o excesso de “teoria” as afastava da reivindicação deste feminismo; dito de outra forma, muitas mulheres negras se afastaram do movimento social do feminismo em suas primeiras ondas por não verem suas experiências vividas dentro das demandas das mulheres brancas.

Hooks (1995) conta que foi vista com estranhamento pela sua família e sua comunidade próxima por gostar de ler, além disso, percebeu ao entrar na universidade que o lugar da intelectual não tinha espaço para as experiências vividas pessoais; e para as mulheres negras que se agenciavam, suas experiências pessoais eram os grandes pontos que não só as reuniam enquanto grupo, mas que também atribuíam sentido à troca advinda do agenciamento entre elas.

A ética do cuidado diz respeito ao que há de mais pessoal e que a emoção e a empatia são centrais nesse processo de validação do conhecimento. A ênfase na singularidade pessoal, a importância das emoções no discurso, que demonstram que a pessoa que fala acredita na validade de seu argumento e a capacidade de empatia, surgem como uma



grande resposta à suposta posição de neutralidade na produção (COLLINS, 2019). A bem da verdade, soa como um convite a não só escancarar o sujeito de enunciação, mas também de se utilizar de tudo que vem acompanhado do discurso, emoções, sentimentos e por vezes, até contradições, pois é pelos apontamentos delas que é possível avaliar as lacunas, preenchê-las e corrigi-las, fazendo com que a produção de conhecimento evolua.

A ética da responsabilidade pessoal, para Collins (2019), evoca justamente que o sujeito se responsabilize sobre o que fala. Para a autora, nenhum desses critérios está desconectado ou subordinado um ao outro, “(...) emoção, ética e razão são usadas como componentes interconectados e essenciais na avaliação de reivindicação de conhecimento (COLLINS, 2019, p. 425).

Em interlocução com Paulo Freire⁸, a ética na responsabilidade pessoal se aproxima do conceito de confiança que o professor marca como um dos pontos chaves da relação dialógica, que surge numa relação horizontal e para ele

“(...) a confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. [...] Dizer uma coisa e fazer outra,

⁸ É prudente posicionar Freire e sua obra historicamente, *Pedagogia do Oprimido* é uma obra de 1968. Quando foi traduzido para o inglês nos anos 70, o caráter universalista de “ser humano = homem” explícito no discurso causou grande incômodo nas mulheres estadunidenses que expuseram uma certa incoerência entre a composição ideológica da obra e a linguagem machista, percebeu que essa justificativa era uma mentira ideológica. Freire (2013b) não se fez indiferente às críticas e passou a responder todas as cartas que lhe foram enviadas, agradecendo o apontamento do erro. Com isso, a partir daí passou, cada vez mais, a trazer em suas obras e em seus discursos públicos [“Prezadas Professoras”] e entrevistas, outras realidades que complexificam a perspectiva.



não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança”
(FREIRE, 2013a, p. 90)

E, propositalmente, por fim, o diálogo para Patricia Hill Collins é usado como o grande avaliador do conhecimento. A partir da perspectiva das mulheres negras como produtoras de teorias, só há possibilidade de novas reivindicações de conhecimento se essas se deram em diálogos com outros membros da comunidade, ou seja, na relação dialógica. Composto por interações verbais e não verbais, dialogar implica, num contexto coletivo, que os discursos proferidos sejam testados e avaliados e por ser pautado no caráter interativo e espontâneo, os presentes não só podem, como devem ter participação ativa para poder, de fato, avaliar a narrativa em questão (COLLINS, 2019). A condição para que haja tal avaliação se dá pela não existência de hierarquias, a palavra circula livremente e a liberdade que se tem para questionar é a mesma que se tem para proferir novos discursos.

Diante do que a autora formula sobre a Epistemologia Feminista Negra é possível ensaiar uma aproximação ao pensamento de Freire concomitantemente com as experiências de bell hooks sobre seu lugar e sua experiência como professora, além de como eles, cada um a seu modo, desenvolvem uma práxis pautada na ética e no compromisso com os alunos e com o ensinar.

Assim, a epistemologia feminista negra é pautada sobretudo, na primeira pessoa e no falar de si, na pronúncia do mundo, pois se não falarmos de nós, não há sentido, nem conexão e é nesse ponto também que é possível construir um pensamento crítico, mas expondo e centralizando de



onde se parte; e a relação com a comunidade é amparada pela relação dialógica que os sujeitos travam com seus pares.

A pronúncia do mundo é algo que não se faz sozinho e nem numa relação eu-tu, para Paulo Freire (2013a) é uma ação sempre pautada no coletivo. Pronunciar o mundo implica confiança, humildade, fé nos homens⁹, esperança e amor¹⁰.

O diálogo, é a relação que para Freire (2013a) possibilita que haja quebra das hierarquias opressivas entre os homens. É um espaço em que a palavra circula e é por conta dela que há trabalho e há ação – práxis; além de só existir diálogo entre aqueles que querem pronunciar um mundo em conjunto, aqueles que não o querem negam este direito aos demais. Portanto, é na relação dialógica que há a possibilidade de levantar pontos de crítica, de apontar equivocções em grupo e otimizar processos de desalienação por meio de uma constante conscientização; e na medida que tal relação se estabelece, a confiança se instaura conjuntamente (FREIRE, 2013a), muito próximo a como Collins entende o poder da comunidade para com a quebra das imagens de controle e a construção de um ponto de vista autodefinido [singular e coletivo].

A conscientização aqui, quer dizer de um desenvolvimento crítico posterior à tomada de consciência para o sujeito, é um processo contínuo

⁹ Em Freire: “não há diálogo se não há uma fé intensa nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens. A fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo” (2013a, p. 89).

¹⁰ Em Freire (2013a), o amor é o compromisso com os homens.



que requer reflexão sobre a própria existência e o mundo que o cerca, mas que se mantém como “(...) unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação da realidade” (ROSO; ROMANINI, 2014, p. 92). Só é possível que a conscientização se presentifique, após os estágios dialéticos de tomada de consciência, sendo a consciência dividida em dois estágios: ingênua, pautada num estado mais “natural” e “mágico” de percepção dos fenômenos do mundo; e a crítica, que

(...) é o conhecimento ou a percepção que consegue desocultar certas razões que explicam como os homens e as mulheres estão no mundo. Ela desvela a realidade, conduz os seres humanos à sua “vocação ontológica” e histórica de humanizar-se (GADOTTI, 2018, p. 9).

Essa *práxis* enseja que o sujeito se aproprie dessa posição crítica no mundo; em outras palavras: permite que o sujeito assuma o controle da própria imagem em devenir, constantemente, pois o processo de libertação é contínuo (FREIRE, 2013a; 2013b; HOOKS, 2020b)

Não há conscientização sem uma denúncia das estruturas de dominação e sem o prenúncio de movimentações em prol de novas realidades, sendo essa então a *práxis*, a dialética do sujeito com o mundo.

É possível então, que a palavra, o diálogo e a conscientização, sejam instrumentos para a quebra da máscara? A pista que Paulo Freire nos dá é justamente a *práxis*, que consiste nesse pronunciamento do mundo e a assunção do controle da própria imagem; em suas palavras:



(...) a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens podem transformar o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2013a, p. 86).

É o falar pelas frestas das máscaras como nos ensinou Conceição Evaristo, pois só assim é possível estilhá-la. A escrevivência então desponta como uma possibilidade de pronunciamento do mundo, uma práxis que denuncia os cotidianos e os coletivos com a imagética da cidade, dos becos e das vielas, na medida em que humaniza os agentes desses novos mundos pronunciados.

À vista disso, a escrevivência cria condições para o oprimido, as minorias, e aqui, as mulheres negras de se apropriarem da leitura e da escrita, ambicionando um processo de libertação desse controle e dessas definições externas; assim como, a apropriação da própria história, “quem eu sou” como um processo pedagógico libertário, em outros termos: a reivindicação de uma definição a partir de si, pautando na relação do individual-coletivo.

UM CONVITE À PRÁXIS

Enquanto ação e reflexão, a práxis afirma uma expressão diária. Nas salas de aula, na posição de educadora, hooks (2017; 2021a) soma à práxis a teoria em busca de uma educação que se traduza em sabedoria prática. A escola e a sala de aula são espaços de formação que não se resumem aos saberes ligados à intelectualidade. Como extensão da cultura e da



sociedade, a escola nos socializa e nos ensina conhecimentos que estão distribuídos por aí. Dentro da escola se acessa esses mundos pronunciados que cada sujeito carrega.

Se posicionarmos o racismo e o sexismo, por exemplo, não seria difícil achar relatos de mulheres negras em suas experiências nos contextos de educação formal, que demonstram como a manifestação de tais práticas se presentifica. Não somente, vemos alunas e alunos negros como vítimas, mas têm-se o ponto de que outros alunos aprendem a se comportar de tal maneira em outros ambientes apenas presenciando essas formas de tratamento.

Diante de tal conjuntura, como fica para o educador adentrar nas salas, de forma tal, que não promova uma prática educacional que fomente opressões? Como ensinar tendo como objetivo práticas de liberdade e humanização? Essa é a grande pergunta que hooks se faz e que norteou toda a sua práxis educadora ao longo de sua vida docente, também é a pergunta feita aqui, sabendo de como é a experiência para as alunas que são expostas a essas dinâmicas. Como práticas de liberdade entende-se a promoção de um fazer docente, que a despeito da técnica envolvida na proposta, centralize o educando como sujeito ativo no seu próprio processo educacional, que não se pauta só em um saber escolar; que viabilize, justamente a apropriação dos saberes de vida como tão qualificados quanto os escolares e que o compõe enquanto cidadão no mundo.

Para Freire, a esperança se transforma em verbo na medida em que é uma ação. A práxis educadora que ambos defendem, ao posicionar o



esperançar, ampara-se na ideia de que ao pisar em sala de aula o educador não reforce os sistemas de dominação para com seus educandos, fomentando as justiças mesmo quando as injustiças parecerem ser mais poderosas, por isso a prática sustenta-se na esperança (HOOKS, 2021a; FREIRE, 2013b).

Às vezes, por mais bonitas que sejam, essas leituras soam para alguns deveras românticas e idealizadas, tendo em vista algumas críticas frente ao trabalho dos dois autores. Com um tempo-outro de assimilação, com mais estudo e acima de tudo, mais escuta daqueles que vivenciam o “chão da escola” e o “chão da rua” diariamente, vê-se que as práticas que propiciam processos de libertação, são na maioria das vezes amplas, nas minúcias, nas sutilezas, em comentários e por mais “banais” que possam parecer, até em sorrisos e gentilezas que demonstram que a sala de aula e a aprendizagem não precisa ser autoritária e enrijecida, pois pelo olhar e pelo tratamento, posiciona um educando como um sujeito e não somente como um depositário e reproduzidor de informações. Portanto, não é nada banal.

A esperança, se presentifica na crença de que o “pequeno” de hoje, reverbere, de alguma forma, para os que estão atentos, e por mais, que Freire (2013a; 2013b) e hooks (2017; 2020b; 2021a) posicionem bem que tais reverberações têm manifestações dentro de movimentos sociais, até mesmo pela localidade, territorialidade e implicações de seus trabalhos; hooks, evidencia como a repercussão se dá também no íntimo dos sujeitos.

Assim, ela declara “(...) vi na teoria [...] um local de cura” (HOOKS, 2017; p. 83), e isso, não porque as teorias são intrinsecamente curativas, já



que elas não são desenvolvidas para tal fim, contudo, podem ser se assim o quisermos.

A teoria nos dá uma letra de mundo que para muitos faz falta, mas que só se descobre quando ela começou a ser tamponada; nos dá um repertório simbólico e de, inclusive, autoanálise.

Nesse ponto, a cura também não pode ser pensada como um processo que tem final, mas que ao colocar nome e ao apresentar onde está a ferida, permite que haja tratamento, que pode levar anos, mas que ao menos, nos ensina a manter a ferida fechada/tratada, cuidada, até sua cicatrização. Entendendo também que os movimentos contínuos da vida envolvem a aquisição de novas feridas e de reabertura de antigas.

A cura então, está mais ligada a um processo de suporte e de amparo – isso que você sente tem nome; isso que você sente é compartilhado; isso que você sente é importante e pode ser cuidado – assim, a teoria só cumpre a função de cura, quando a endereçarmos para tal fim (hooks, 2017). Ela nos ajuda a entender a esfera do coletivo, para tratar o pessoal/íntimo. Sentir e sangrar sozinho, tende a ser para o sujeito um caminho sem volta; e não é necessariamente afirmar aqui, que todas as dores são coletivas, mas que o amparo pode ser, pois a letra, o nome, quando é compartilhado, é visto e ouvido. A solidão faz com que o sujeito se feche em si, de maneira tal que suas dores são amplificadas quase como um eco.

Novamente, esta cura que hooks fala, não se pretende finalizadora, mas permite que, com o tempo, sustentemos as próximas feridas que virão, permite um corpo mais preparado e otimiza os processos de tratamento



posteriores. A teoria e o uso que se faz dela é permeada por uma série de convites e Freire e hooks nos convidam e mostram o caminho para nós nos apropriarmos de nossas vidas, vivências e desejos e fazermos com eles o que quisermos, seja dar aula, seja escrever ou seja, simplesmente, desaliená-los de nós mesmos.

TEMOS ESPAÇO PARA O AMOR?

Qual é o amor que pretendemos evocar? Amar na qualidade de ato revolucionário se pauta em pôr em xeque as normalidades que nos tornam passivos frente às injustiças e as violências diárias (VIEIRA, 2019).

Delimitando a experiência das mulheres negras no Brasil, temos um histórico que passa por uma sucessão de violências e feridas. Temos também, novos arranjos que estão na cultura que perpetuam esses modelos coloniais de submissão colados nos nossos corpos e que atravessam nossa experiência em espaços sociais e materiais variados. Essa libertação não é romantizada, mas faz parte de um compromisso consigo mesma que uma vez assumido, insere-se nisso que se apresenta como ininterrupto, da ordem do cotidiano.

E voltamos: por que o amor? Para hooks, “expressamos o amor através da união do sentimento e da ação” (2006, p. 188); e por mais que estejamos submetidos a condições difíceis que impedem a nossa capacidade de amar, elas não são impossíveis. Para o Pastor Henrique Vieira “(...) pensar no amor como caminho é pensar o amor como atitude, construção artesanal, fazer diário” (2019, p. 34).



E então, por que o amor? Para compor essa decisão, Paulo Freire (2013a) é taxativo: não há diálogo sem amor. O compromisso de libertação é amoroso e por ser amoroso, é dialógico; ou seja: o amor é fundamento e fundamental da relação dialógica e horizontal entre os homens [mas não é qualquer amor].

Inicialmente, pretende-se recusar a concepção de amor romântico. O amor como substantivo, sendo unicamente uma palavra para significar um sentimento, é insuficiente. O amor aqui, parte da concepção de verbo – amar – e se é verbo, é ação, algo que se faz. Amar é uma ação aprendida e para hooks (2021b) é acima de tudo, uma escolha e não uma obrigação. A autora nos ensina que amar envolve vários sentimentos e emoções como cuidado “(...) carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (HOOKS, 2021b, p. 42); e o que importa não é o que o amor é, mas sim o que ele faz como ação.

Outro ponto importante, é que não se desqualifica o amor romântico, mas justamente colocando-o em perspectiva faz-nos crer que ele é insuficiente, pois, como justificar que existam pessoas que promovem desamor nas ruas, mas têm em seus lares uma rede amorosa e protetora? Daí, um ponto interessante, por que o amor tem que ficar confinado na privação das relações? E que amor é esse então, que se transfigura e se esvazia de todo o resto, se individualizando e tornando-se inacessível? O Pastor Henrique Vieira (2019), posiciona que é logo nessas relações permeadas de amor que podemos nos servir para que ele possa ser ampliado para o mundo, para que esteja em nossas ações cotidianas, para que se traduza em uma práxis amorosa.



O amor vazio e individualizado é despolitizado por essência e isso implica que nós nos acostumemos com as misérias nas ruas, as mortes que são números e não nomes, atos de constrangimento público, dentre outras formas de manifestação do desamor. Esse amor que Freire (2013a), hooks (2021b) e Pastor Vieira (2019) falam, pretendem a coexistência dos sujeitos em suas diferenças.

Pensar na ética que envolve o amar, permite sustentarmos nossas questões; e a ética que envolve esse amar e o amor está explícito a todo momento, ela está no *quefazer*¹¹ freiriano, ela está, como disse, nas sutilezas, no querer genuíno, nos olhares acolhedores e convidativos e no cuidado para com os próximos. Assim, ética, práxis, amar, esperar e tantas outras palavras, verbos e conceitos que hooks e Freire nos apresentam em suas obras, se misturam e se engendram de forma tal que amparam uma prática cotidiana, dentro e fora da sala de aula [comunidade, família, relações interpessoais, rua], que vão na contramão das dinâmicas de dominação. Nas linhas e entrelinhas de seus livros está exposto: a ordem do dia pode ser [e será] outra.

Permitir cuidar-se e amar-se, sem se reprimir nem se repreender é um grande desafio. Para hooks (2021b), cuidar é uma das dimensões do amar, contudo, ser a cuidadora não significa que estamos amando. A dimensão do cuidado, do carinho, também é uma via de mão dupla; envolve o recebimento.

¹¹ É a *práxis*, “(...) é a transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é *práxis*, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria que necessariamente ilumine. O que fazer é teoria e prática. É ação e reflexão (FREIRE, 2013a, p. 133).



Reprimir emoções, é um ato que para bell hooks (2006) significa uma estratégia de persistência em meio a situação de extrema violência. Abrir-se ao outro e compartilhar das características íntimas positivas e negativas, implica vulnerabilidade e colocar-se enquanto vulnerável, como sabemos, pode ser aterrorizador. Não surge como uma opção em meio a um contexto que sistematicamente mobiliza agressões imateriais às mulheres negras, quando delimitamos a academia.

É muito comum que seja esperado das mulheres negras uma postura de impassividade – você é forte; uma guerreira – uma posição que não abre espaço para a vulnerabilidade; uma posição perigosa. E a mulher negra é essa fortaleza toda? Não é! A força conforme é colada em nossos corpos, também não passa de uma imagem de controle – forte acima de qualquer intercorrência da vida – é uma estratégia de sobrevivência, é uma armadura. No entanto, é preciso mais que apenas sobreviver, é preciso viver plenamente e para isso é preciso amar, e para muitas, conhecer o amor, criando condições para tal (HOOKS, 2006).

Aprendemos, ao reprimir nossas emoções, que aquilo que sentimos não é importante. Como eu posso falar do que sinto? Quando eu posso falar como me sinto? Eu sei como me sinto? Para bell hooks,

(...) a mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas (HOOKS, 2006, p. 195).



Voltemos então ao amor. Por que terminar falando de amor? Talvez porque, se mostre uma das saídas possíveis. Uma das saídas tanto individualmente [amar-se], quanto coletivamente [promoção de amor] que mais sustenta o dia a dia que está aí para todas nós. Para muitos idealizar a revolução como resolução dos problemas é um início e em partes concordamos. É importante que tenhamos ideias pois eles nos mostram o caminho, contudo o que é possível no hoje, tendo em vista, que o amanhã é resultado do agora?

Se hoje é possível eu que ame a minha irmã, então que eu a ame; assim como se hoje é possível que eu consiga escrever, então que eu escreva; assim como, se hoje é possível que eu dê aula e permita que os componentes da sala falem, então que eu os escute, e assim por diante.

Bell hooks, nos ensina insistentemente, que o amor não é uma conquista, é um aprendizado. Colocá-lo em ação é uma escolha, pois fundamenta-se em reconhecer dores e necessidades, que para muitas é muito difícil, mas esse reconhecimento permeado de coragem, possibilita formas de encontrar a cura para essas feridas que ainda sangram. O amor humaniza. O amor cura.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDREOLA, Balduino Antonio. Paulo Freire e a condição da mulher. Roteiro, v. 41, n. 3, 2016, p. 609-627.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e política de empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.



- _____. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. SciELO-EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013a.
- _____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz na Terra: Rio de Janeiro, 2013b.
- GADOTTI, Moacir. Prefácio: Consciência e história. IN: FREIRE, Paulo. Conscientização. São Paulo: Cortez, 2018.
- HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.
- _____. Intelectuais Negras. Estudos Feministas, v.3, n.2, p. 464, 1995.
- _____. Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- _____. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021a.
- _____. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021b.
- _____. Vivendo de amor. IN: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn. O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.
- MIZAEL, Táhcita Medrado. Microagressões Raciais de Gênero Experienciadas por Mulheres Negras: Revisão de Literatura. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*. V. 14. N. 43, p. 148 – 175. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1484/1475> Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.
- NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância panafricanista. Petrópolis: Vozes, 1980.



NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ROSO, Adriane. ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. Psicologia e Saber Social. v. 3. n. 1, p. 83 – 95, 2014.

SANT'ANNA, Daniela Moraes de. Entre o singular e o plural: escrevivendo mundo acadêmicos pelas letras das mulheres negras. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIEIRA. Pastor Henrique. O amor como Revolução. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2019.

Recebido em: 15/03/2024

Aprovado em: 01/04/2026